



APRENDÊNCIAS: ENTRE MOVIMENTOS E SENTIDOS

Antônio Vital Menezes de Souza[1]

Andrea Maria Sarmento Menezes[2]

Eixo 12 - Psicologia, Aprendizagem e Educação: aspectos psicopedagógicos e psicossociais

RESUMO

Os novos arranjos contemporâneos de convivência, interação e mediação social têm se consolidado como desafios à compreensão sobre o *desenvolvimento* da *pessoa* em seus processos de autoafirmação. Há uma larga e expansiva possibilidade de aproximações e/ou afastamentos com os contextos nos quais nos constituímos como *peças*. Nem sempre, nos contextos dos quais participamos, percebemos os mecanismos, processos e resultados de nossas próprias ações. Nesses termos, este artigo tem como objetivo analisar os movimentos que nos constituem como pessoas a partir das reflexões sobre processos nascidos de nossa própria experiência ante as problemáticas da alteridade, alteração e identificação com o entorno psicossocial em que nos movemos cotidianamente. Utilizamos o termo *aprendência* para favorecer o diálogo fecundo em torno à complexidade de processos envolvidos no debate do tema. Esse texto teve origem nas sessões temáticas de formação em pesquisa, desenvolvidas junto aos membros do SEMINALIS – Grupo de Pesquisa em Tecnologias Intelectuais, Mídias e Educação Contemporânea (CNPq/UFS).

Palavras-chave: Aprendizagem. Desenvolvimento Pessoal. Formação

RÉSUMÉ

Les nouveaux arrangements contemporains de la vie, l'interaction sociale et la médiation ont été regroupés comme des défis à la compréhension du développement de la personne dans leurs processus d'affirmation de soi. Il y a une possibilité large et expansive d'approximations et / ou les autorisations aux contextes dans lesquels nous nous constituer en tant que peuple. Pas toujours, dans les contextes auxquels nous participons, nous nous rendons compte que les mécanismes, les processus et les résultats de nos propres actions. Dans ces conditions, cet article vise à analyser les mouvements qui nous constituent en tant que personnes issues des réflexions sur les processus issus de notre propre expérience

avant que le problème de l'altérité, le changement d'identification et l'environnement psychosocial nous passons tous les jours. Nous utilisons le terme *aprendência* de favoriser un dialogue fructueux sur la complexité des processus impliqués dans la discussion sur le sujet. Ce texte a provenu des sessions thématiques de formation en recherche entreprises avec les membres du *seminalis* - Groupe Technologies intellectuelles recherche, les médias et l'éducation contemporaine (CNPq / UFS).

Mots-clés: Apprentissage. Développement Personnel. Formation

INTRODUÇÃO

A *aprendência* é mais que um conceito relevante à pesquisa em psicologia, educação, ciências humanas e/ou ciências ambientais. Trata-se de uma noção fundante, erigida durante o processo de discussão teórico-metodológica a respeito do conceito de aprendizagem na cena contemporânea. A especificidade do termo tem sua fonte de origem no contexto de interação cotidiana com a problemática da formação em pesquisa e no desenvolvimento da docência em distintas turmas de graduação em Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem e pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente na Universidade Federal de Sergipe. O processo de construção do termo vem sendo ampliado nos últimos três anos a partir de duas problemáticas básicas de interesse: a consciência e o conhecimento de si.

Um dos primeiros desafios à espécie humanamente constituída é o conhecimento de si. Não é recente o interesse de pesquisadores, filósofos e cientistas em torno ao tema. Existem, no entanto, limites quanto à aceitação de tais ideias no que se refere à natureza deste processo relativa ao fenômeno da consciência. A composição estrutural, funcional e organizativa do *homo sapiens sapiens*, longe de restringir-se ao plano das racionalidades, eiva-se de intensos movimentos com as sensibilidades, com a imaginação, fantasias, realidade(s), ilusões etc. Somos seres *autopoieticos*[1]: produzimo-nos em direções complementares e antagônicas, num sentido muito estreito e expansivo. Nesses termos, conhecimento de si e consciência implicam em movimentos convergentes de identificação, porém, são composições distintas quanto ao modo de expressão.

Este artigo tem como interesse o estudo sistemático dos mecanismos, processos e modos de expressão de uma faceta da aprendizagem humana o qual denominamos *aprendência*. Nosso objetivo é analisar os movimentos que nos constituem como *peçoas* a partir das reflexões sobre processos nascidos de nossa própria experiência ante as problemáticas da alteridade, alteração e identificação com o entorno psicossocial em nos movemos cotidianamente. Esse texto teve origem nas sessões temáticas de formação em pesquisa desenvolvidas junto aos membros do SEMINALIS – Grupo de Pesquisa em Tecnologias Intelectuais, Mídias e Educação Contemporânea (CNPq/UFS).

2 APRENDÊNCIA, EXTERNALIDADE E APRENDIZAGEM

Quando nos relacionamos com o mundo, efetivamente, o que nos ocorre como fenômeno de apreensão da realidade. O que pensamos, sentimos e experienciamos em nós, advém de que tipo de relação com o mundo exterior. Que distância existe entre aquilo que admitimos sentir em nós como fonte “interior” e o que podemos chamar de mundo externo. Que relação existe entre a percepção e a sensação de tal elemento “dentro” e “fora” de nossa apreensão de mundo. Como desenvolvemos tais percepções e sensações (interior e exterior). Que movimentos, processos e mecanismos são predominantes nesse conjunto de vivências. Esses questionamentos mobilizam esforços de pesquisa científica a respeito da noção de *aprendência*.

Aprendência é noção articuladora e integradora de mecanismos, processos e sistemas organizativos peculiares à dinâmica do aprender humanamente constituído. O entrecruzamento desses elementos não exclui a contrariedade entre as estruturas e funções que desempenham em diferentes contextos da interação sociocultural. Existe a influência de inter(retro)ações[ii] entre os elementos que compõem a *aprendência*. Nesse sentido, mais que contradição, o *negativo dialético* é força propulsora para a complementaridade e dialogia entre os conjuntos de experiências, sentidos e significações típicas à *aprendência*. A lógica excludente não é princípio operador de tal força. Há sempre a *pregnância* da lógica do *terceiro incluído*, envolvendo *ordem, desordem, interação e organização* (Morin, 2012).

A dialogia entre externalidade e consciência é uma característica da *aprendência*. Por externalidade entendemos o aglomerado difuso ou organizado dos arranjos de percepção com os quais identificamos determinada parcela de visibilidade de corpos. Os corpos são elementos extensivos cuja modulação intensiva atinge a movimentação de forças criando campos através dos quais se desenvolve a apreensão imediata (visível ou não) de sua *pregnância*, movimento e qualidade de afetar e/ou ser afetado. Na noção de *aprendência*, corpo não é linearmente objeto mensurável, mas, todo arranjo de forças, capaz de provocar impressão, modificação, alteração e expressões de formas existenciais metaestáveis na contingência, circunstância e momento em que se manifesta.

A consciência é tensionada pela externalidade, manifestando-se como corpo. Nossas práticas cotidianas nos permitem explicitar a consciência como um corpo na medida em que somos impelidos aos mecanismos funcionais como a impressionabilidade, identificação e introjeção de elementos da externalidade. A tensão existente na relação consciência-externalidade advém da difusão ou organização de arranjos perceptivos. Não apenas o que se sente sensorialmente como forma de registro das impressões alheias a determinado campo de força nos permite afirmar da manifestação, em nós, da consciência. É na percepção, ultrapassando a imprecisão de sensações, dando-lhes redes complexas de significados, que encontramos a lógica da expressão da consciência.

Quando nos relacionamos com outros seres da mesma espécie estamos perante um mundo que absorvemos como elemento de externalidade. Isso nos afeta, sobremaneira. É na crença de uma relação dualista que absorvemos a dinamicidade de nossos *modos de existência* em sociedade. A *pessoa* é mais além que a simplificada figura que elucida a composição das subjetividades. O que está no centro dessa reflexão é o processo que se inicia quando passamos a nos relacionar com outros humanos. A impressionabilidade (afetar e ser afetado) é, entre nós, um mecanismo ainda pouco explorado cientificamente. Todavia, há particularidades que mais bem elucidam tais configurações na vida humana.

A externalidade, todavia, não é exterioridade. A tradição científica consolida seus esforços no sentido de estudar com aprofundamento devido as influências da hereditariedade e do meio ambiente sobre o desenvolvimento humano. A base dos estudos em psicologia é amplamente demarcada pela defesa de tais determinantes do comportamento. Porém, quando contextualizamos a pertinência do conceito de externalidade, admitimos a necessidade de superação do dualismo “dentro-fora”, “interior-exterior” etc. Por isso mesmo, nem sempre a visibilidade dos corpos é exterior aos indivíduos. Entre sensação e percepção, na dialogia e relação entre os termos, existe a externalidade.

Nesse contexto é que surgem os desafios à compreensão sobre o *desenvolvimento* da *pessoa* em seus processos de autoafirmação. Entendemos que a autoafirmação resulta do aparecimento no indivíduo-pessoa das tensões da externalidade. Logo, o modo como afetamos e somos afetados nas interações sociais promove estados de identificação e de introjeção de ideias, pensamentos, crenças etc, todos, entremeados pela condição agente de movimentos de entrada, movimentos de manutenção e/ou permanência e movimentos de extração e/ou abandono dos elementos com os quais nos identificamos, introjetados por nós, por entre as composições de nossos comportamentos, condutas e atitudes.

Os mecanismos de identificação e introjeção medeiam a consciência através de fluxos de forças complementares e em oposição mútua. Ao mesmo tempo em que constituem a consciência, potencializam

a organização de falsas realidades, advindas de um jogo confuso de interatuações de opostos. É nesse sentido que falamos de realidade e verdade. Para compreender de modo menos superficial a configuração desse tipo de processo, é pertinente alargar o panorama de entendimento sobre o *modus operandi*, inscrito na manifestação, em nós, da identificação e da introjeção. Lê-se:

[...] a necessidade de pensar em conjunto na sua complementaridade, na sua coerência e no seu antagonismo as noções de ordem, de desordem e de organização obriga-nos a respeitar a complexidade física, biológica, humana. Pensar não é servir às ideias de ordem ou de desordem, é servir-se delas de forma organizadora, e por vezes desorganizadora, para conceber nossa realidade [...] (MORIN, 2000: 180-181).

A característica básica da identificação é a manutenção de elos entre distintos (ou não) sistemas de impressionabilidade. Os corpos, em sua multiplicidade de formas e de expressão, unem-se momentânea ou em largo período de tempo como condição de se autorrepresentarem. Inicialmente, *um* e *outro* se afiliam pelas lógicas da similaridade. Entretanto, essa faceta da identificação esbarra-se com os incessantes movimentos de fissura, contidos na teia organizativa que traz consigo a introjeção. Nesse caso, identificar nem sempre perdura na lógica da semelhança e da analogia. É o caso dos processos de reconhecimento e de representação quando não mais se estabelecem como funcionais na manutenção do mecanismo que os gera. Assim, a impressionabilidade na identificação potencializa a irrupção da dessemelhança consigo mesmo de todos os elementos, anteriormente tomados como sendo idênticos entre si.

A consciência adquire tipificação própria mediante a assunção da *diferença pura*. Essa diferença, não é nem de grau (maior ou menor), nem de forma (este ou aquele), mas de intensidade. A intensidade produzida pela *diferença pura* propaga-se como rearranjo de fluxo de forças que se medeiam em processo ininterrupto e distanciado das primeiras aproximações entre os elementos originais que deram concretude à identificação. A diferença como intensidade faz surgir a compreensão e/ou entendimento desse fenômeno como *estado em movimento*. Nisso, o processo de identificação é sempre *adjunto* ao verbo em que se expressam as forças, seus fluxos e condensações de figuras existenciais no sujeito-indivíduo.

O conhecimento de si torna-se, então, fonte consuetudinária da consciência. Como o estranhamento e o distanciamento das formas existenciais primeiras são amplamente exploradas dentro do processo de formação da consciência, *voltar-se a si mesmo*, sempre, desenvolve-se como princípio motor da própria consciência, como processo e não como entidade da estruturação da espécie humana. Logo, conhecimento de si implica em movimentos de dobradura e encontros incessantes com uma novidade em e/ou de si mesmo. Graças a esse processo de intensa constituição é que a noção de *aprendência* se organiza em relação aos conceitos de alteridade, alteração e identificação.

Na noção de *aprendência* alteridade legitima-se como sendo a modificação do *si mesmo* legitimada pelo estranhamento, mudança e distanciamento da fonte original da identificação. Alteridade engloba *tornar-se outro*, porém, é um *outro mediado* pela diferença consigo mesmo. Em termos de expressão cotidiana resulta no conjunto de imagens e auto-imagens assumidas como impermanentes, provisórias e sempre em projeção a outros estados de expressão, forma e conteúdo. É essa especificidade de profusão entre as múltiplas e distintas figuras do *si mesmo* que denominamos *alteração*. Trata-se de um eixo difusor da própria identificação com as externalidades da consciência.

As dimensões psicobiossociológicas da identificação aglutinam *falsos problemas* na busca de compreensão sobre o fenômeno da aprendizagem. Primeiramente, é preciso lidar com o fenômeno da aprendizagem em suas dimensões físicas, cognitivas e psicossociais. Assim sendo, a cultura, o contexto histórico, as temporalidades, territorialidades e o *não lugar* são constituintes fundamentais à identificação. Porém, não tipificam a complexidade envolta na constituição da aprendizagem, caso se considere as características da

aprendência relevantes para o avanço nas pesquisas sobre o tema central desse artigo: a consciência e o conhecimento de si.

Por isso mesmo, é possível afirmar que a aprendizagem consiste na forma diretamente perceptível do fenômeno da *aprendência*. Aprendizagem não resulta na expressão mais completa da *aprendência*. A primeira é efeito-causa; a segunda causa-feito. Por isso mesmo, a ideia de não dissociar de tais análises o princípio recursivo, cunhado, aqui, como interretroação. Um influencia sobre o outro as condições de autorregulação. Nem causa, nem efeito, separadamente. Mas, causa-efeito-em-alteração. Logo, a autorreferencialidade e autoconsideração aparecem como componentes da consciência e do conhecimento de si, no veio da *aprendência*.

Apredência é *pregnância* da identificação sem estabilidade do mesmo. O *mesmo* entra sempre em diferenciação consigo a partir das lógicas inclusivas de suas mutabilidades. Há, pois, forma-conteúdo-expressão-intensidade. A esse processo quádruplo de composição, arranjo e rearranjo interretroativo chamamos de autorreferencialidade. É a condição metaestável encontrada pelos arranjos de força, na consciência e pela externalidade, para condensar a concretude da *pessoa* como ser (onto) e como espécie (filó). Por isso, a autorreferencialidade é ontofilogenética e não se constitui como traço permanente de identidade, mantido pela ilusória crença de uma integralidade e completude da *pessoa*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesses termos, a noção de *apredência* incita desafios ante os modos de conviver e explorar a formação, a aprendizagem humana e o desenvolvimento da *pessoa*. Este texto articula reflexões pontuais a respeito da problemática do desenvolvimento e da aprendizagem em seus processos mais intrincados, profundos nas microrrupturas dos sentidos que ora se unem, ora se desagregam, ora se misturam e se tornam *outro* no decorrer da composição de nossa *aprendizagem* e existência em ampla dinamicidade criativa-criadora.

Como reflexões específicas a respeito de toda exposição e análise do tema, destacam-se quatro premissas básicas: 1. A externalidade (e não exterioridade) delimita a aparição da consciência como fenômeno psicossocialmente constituído; 2. Identificação e introjeção são condicionantes ativos à expressão manifesta da *apredência*; 3. Autoconsideração e autorreferencialidade são compósitos que potencializam no conhecimento de si a ampliação da consciência; 4. *Apredência* é noção propulsora ao conceito de aprendizagem nas situações humanas e educativas.

REFERÊNCIAS

DESCHAMPS & MOLINER, Jean-Claude, Pascal. **A identidade em Psicologia Social - dos processos identitários às representações sociais**. Petrópolis, Ed. Vozes: 2009.

GARFINKEL, Harold. **Studies of Ethnomethodology Social**. 2ª ed. UK, Polity Press: 1967.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação da Cultura**. Reimpressão da 1ª edição. Editora LTC, Rio de Janeiro: 2011.

MATURANA, Humberto, VARELA, Francisco J. **Autopoiesis and cognition: the organization of the living**. Boston: Reidel, 1980.

MATURANA, Humberto. **Cognição, Ciência e Vida Cotidiana**. Belo Horizonte, Editora UFMG: 2001.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2000.

_____. **Ciência com Consciência**. 7ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

- _____. **Introdução ao pensamento complexo**. 5. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2008.
- _____. **O método 1**: a natureza da natureza. 3ª Edição. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- _____. **O método 2**: a vida da vida. 4ª Edição. Porto Alegre: Sulina, 2011a.
- _____. **O método 3**: o conhecimento do conhecimento. 4ª edição. Porto Alegre: Sulina, 2012a.
- _____. **O método 4**: as ideias (habitat, vida, costumes, organização). 5ª edição. Porto Alegre: Sulina, 2012b.
- _____. **O método 5**: a humanidade da humanidade (a identidade humana). 5ª edição. Porto Alegre: Sulina, 2012c.
- _____. **O método 6**: a ética. 4ª edição. Porto Alegre: Sulina, 2011b.

[1] Doutor em Educação. Professor de Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem. Universidade Federal de Sergipe – Departamento de Educação. E-mail: a.vmsouza@yahoo.com.br

[2] Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Universidade Federal de Sergipe. E-mail: sarmentoandrea@hotmail.com

[i] Este termo é empregado, aqui, na concepção de Maturana e Varela (1980).

[ii] Este termo é relativo ao *princípio da recursão* apresentado por Edgar Morin (2008) ao desenvolver a teoria da complexidade. O princípio da recursão é aquele no qual a causa e o efeito estão interligados. Lê-se: “o princípio da recursão é aquele que nega a determinação linear a qual promove a criação de novos sistemas e pode ser entendido como processos em circuitos, de modo que os efeitos retroagem sobre as causas desencadeadoras” (idem: 106).